

# JOSÉ PAULO PAES: O POETA DA SENSIBILIDADE

Roselene de Fatima COITO<sup>1</sup>

- **RESUMO:** Pensar que a Poesia escrita para crianças não deve apresentar complexidade temática e textual é considerar a Literatura Infantil, em suas mais variadas tipologias textuais, um discurso não dialógico para o leitor-mirim. Por isso, neste texto, discutiremos o problema da atual formação do leitor de poesia na escola e sua efetiva interação com o texto poético. Esta interação com a estética verbal, pressupõe que o leitor seja aquele capaz de penetrar gradualmente nas camadas profundas do texto, o que nem sempre acontece no ambiente escolar, seja pelo despreparo do professor diante da poesia seja pela pouca ou má divulgação da poesia infantil de qualidade.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Ensino; poesia infantil; sensibilidade.

Por que motivo as crianças, de modo geral, são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo? Será a poesia um estado de infância, relacionado com a necessidade de jogo, a ausência de conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos de viver – estado de pureza da mente, em suma?

Carlos Drummond de Andrade

Tem-se discutido muito a falta de acesso à Literatura e especialmente à Poesia nos dias atuais, por ocasião da entrevista concedida por Octávio Paz à *Folha de São Paulo* (4/11/93). Essa entrevista teve como título: “Poesia só serve à ‘imensa’ minoria. Nesta reportagem, Paz aborda a questão sócio-econômica em que nos encontramos e diz: “A poesia não perde sentido na vitória do consumo. É antídoto a ele e à técnica”. Ele lamenta a tendência à uniformidade e à transformação dos cidadãos em consumidores e assevera que as artes estão ameaçadas não mais por doutrinas ou partidos, mas sim por um processo econômico “sem rosto, sem alma e sem rumo”.

Atribui à “imensa” minoria (expressão criada pelo poeta Juan Ramon Jimenez em uma dedicatória) que lê poesia, a sobrevivência da tradição cultural do Ocidente e define o ato de ler: “É descobrir insuspeitos caminhos para dentro de nós mesmos. É um reconhecimento. Na era da propaganda e da comunicação instantânea, quantos podem ler assim? Muitos poucos. Mas é neles e não nas cifras das estatísticas que está a continuidade de nossa civilização”, alerta sabiamente o poeta.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras – Estudos Literários. Universidade Estadual Paulista – Unesp/Araraquara.

Se atentarmos para a situação da Educação no Brasil e refletirmos sobre as palavras de Octávio Paz, parece contraditório dizer que há poucos leitores quando há a chamada democratização da Educação, com aberturas de tantas escolas, as quais dão acesso ao público infantil. Mesmo sabendo dos muitos problemas enfrentados nas escolas, como a falta de bibliotecas e também de acervos adequados, o que ainda impera é uma educação conformadora e não libertária, como bem o disse Maria da Glória Bordini em seu livro intitulado *A Poesia Infantil*. Por isso há essa contradição.

Essa educação conformadora visa, na maioria das vezes, desenvolver somente o nível da competência, deixando o nível de desempenho de lado, ou seja, “ensinam-se” as crianças a “decifrar” ou decodificar as letras e não a realmente ler. Fatalmente isso acarretará um menor número de iniciados em Literatura de uma forma em geral. Contudo, por outro lado, se tomarmos como ponto de partida a reflexão de Glória Maria Pondé sobre poesia folclórica, temos, segundo ela, que

a criança já é iniciada na linguagem poética. Essa linguagem principia com o folclore infantil sob formas de acalantos, de parlendas, de adivinhas e de cantigas de roda, numa trajetória que obedece aos níveis de elaboração da linguagem que a criança vai superando, pois a poesia de origem folclórica tem relações íntimas com a tradição popular. Por isso, não apresenta um grau elevado de complexidade estrutural e de sintaxe discursiva uma vez que foge dos padrões acadêmicos e adota processos mais livres e populares de criação. (1982, p. 127)

Numa primeira etapa, então, o papel do educador é “resgatar” juntos às crianças essas formas poéticas populares e no decorrer da aprendizagem trabalhar com poesias que apresentem estruturas mais complexas.

Pondé aborda a questão da poesia para criança comparando-a com a poesia “adulta” brasileira e diz: “A poesia para a criança vem de um processo de transformação lento e se firma no momento em que a poesia brasileira adquire autonomia, maturidade e diversidade de rumos, ou seja, no Modernismo” (1982).

Segundo esta autora, Manuel Bandeira e Jorge de Lima ao escrever poesias com elementos do mundo infantil, como por exemplo “Porquinho da Índia”, na realidade estavam “testando” novas formas do fazer poético e não propriamente criando poesias para crianças.

Com esse amadurecimento e essa autonomia poética, a poesia para criança segue duas direções: o experimentalismo (a quebra da discursividade) e a reutilização do folclore e das formas mais tradicionais. A ruptura com a linearidade da frase ocorre na poesia infantil (e também na “adulta”) para atingir melhor seu receptor, segundo estudos teóricos. Mas para que o receptor esteja apto a esse tipo de leitura é necessário que o nível de competência seja superado e o nível de desempenho despertado e muito bem trabalhado, pois a criança só adquire a elaboração discursiva à medida em que vai se integrando ao mundo da cultura de uma forma em geral.

Podemos dizer que a integração ao mundo da cultura tem como uma das portas de entrada a literatura e se pensarmos que aqui no Brasil a literatura infantil começou mesmo com Monteiro Lobato, na prosa, e com Cecília Meireles e Vinícius de Moraes, na poesia, não se pode avaliar, como ainda se faz no ambiente escolar, o leitor apenas como decodificador da palavra escrita ou leitor de biografias de determinados autores.

Desenvolver só o nível da competência (decodificação), não é trabalhar a criança como um todo, já que a mesma vê o mundo de uma forma emocional e globalizante, segundo as teorias psicanalíticas. A leitura pormenorizada, em ordem linear, instaura-se com alfabetização, e, a partir daí, começa a atrofia-se esta visão emocional e simultânea, que só a poesia poderá recuperar, pois a essência do poema reside na emoção, nos sentimentos, na meditação, nas vozes íntimas, que tal episódio ou circunstância suscitam na subjetividade do poeta. A poesia é, por isso, a linguagem que mais revela o conteúdo humano, conforme alguns apontamentos feitos por Bordini.

Refletindo sobre o papel do leitor, também de poesia, ler é sobretudo, como disse Paz, “descobrir insuspeitos caminhos para dentro de nós mesmos. É um reconhecimento” (Giron, 1993). Por isso, para ser iniciado em poesia é preciso penetrar na opacidade do discurso poético e desvendá-lo. Para que isso ocorra, deve-se começar com a poesia folclórica e na medida em que a criança vai adquirindo maior capacidade de abstração, trabalhar com estruturas poéticas mais complexas e com poesias adequadas à faixa etária e ao mundo da criança, como poesia de grandes autores infantis que conseguiram penetrar na essência infantil sem cair no didatismo, ou melhor, num “pedagogismo infundado e superficial”.

Pensando na escritura e na leitura como processos que envolvem interação dialógica entre autor/texto/leitor, é que fomos buscar em José Paulo Paes a sensibilidade à linguagem literária, especificamente da poesia, e ao universo infantil.

Paes, mais conhecido como ensaísta e grande tradutor de clássicos mundiais, embora tenha dito em uma entrevista concedida à Folha de São Paulo que era surdo-mudo em várias línguas e que não as dominava e sim era dominado por elas, num gesto de humildade perante sua grandeza, também escreveu para crianças. E escrever para crianças, além de uma suposta técnica, exige muita sensibilidade e arte, tal qual o fez José Paulo Paes em suas diversas obras infantis.

Abordaremos aqui algumas poesias que ele escreveu para este público específico. Começaremos com o poema “Convite”, o primeiro texto do livro “Poemas para brincar”.

*CONVITE*

Poesia  
É brincar com palavras  
como se brinca  
Com bola, papagaio, pião

Só que  
Bola, papagaio, pião  
De tanto brincar  
se gastam.

As palavras não:  
Quanto mais se brinca  
com elas  
mais novas ficam.

Como a água do rio  
Que é água sempre nova.

Como cada dia  
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

Podemos dizer que a poesia “Convite” é um texto metalingüístico, em que a palavra escrita é utilizada para se referir à própria palavra. Aliás, Jakobson, ao diferenciar o texto poético de outras formas de discursos, assevera que “a poesia é um discurso que mostra, de alguma maneira, o trabalho da linguagem sobre si mesma” (1970), palavra esta, literária, e na qual se constitui como um jogo.

Se atentarmos para o jogo proposto por Paes, nesta poesia destinada a priori ao público infantil, a palavra nuclear é “brincar”. Muito embora brincar faça parte do repertório do universo infantil, brincar com palavras também é um exercício do universo do adulto, muito embora possamos dizer que a criança seja mais sensível a tal ato ao procurar o “sabor” das palavras e das novas descobertas que com elas é possível fazer, inclusive de novas palavras.

No poema, as três primeiras estrofes trazem a comparação entre brincar com palavras e brincar com os brinquedos infantis (bola, papagaio e pião) os quais também são elementos do nosso folclore e que se constituem como objetos que passam de geração a geração.

Também, no caso desta poesia, a bola, o papagaio e o pião, criam um efeito, para a criança leitora, de elementos mágicos personificados pela linguagem ao se distanciar do “real”, porque estes vocábulos, e não propriamente os objetos, evocam imagens que remetem ao ato de brincar e, brincar para a criança, significa distanciar-se da realidade cotidiana, penetração no mundo imaginário.

Se para o adulto o distanciamento remete, muitas vezes, ao mundo da infância passada, neste texto as palavras, mais especificamente, os verbos, remetem ao presente por se apresentarem no presente do indicativo, confirmando a plenitude presentificadora da infância.

Podemos notar que as comparações ora “identificadoras” ora “diferenciadoras” – termos utilizados por Jakobson –, embora contínuas semanticamente, são interrompidas pela “pausa gráfica” (o ponto final) e pela “pausa estética” – *enjambement*, chamado por Cohen (1974) de conflito metro-sintático – e marcam igualdade e oposição num jogo verbal feito com os verbos gastar/ficar, efêmero e perene, intensificando assim, o valor da palavra escrita.

Se na primeira estrofe há identificação quando se brinca com palavras como se brinca com objetos, na segunda, a expressão “só que” vem marcar a oposição criando um efeito de alertar o leitor para a aparente igualdade de mundos. E, esta expressão, por apresentar-se próxima da coloquialidade, aproxima o leitor do texto, ao mesmo tempo em que cria uma expectativa com relação ao que vai ser dito posteriormente, pois que na terceira estrofe nos é colocado o grande mistério da linguagem literária: a reinvenção da palavra na literatura, sua carga semântica, seu poder de sugestão.

Não podemos nos esquecer de que, na verdade, estamos lidando com palavras há muito tempo e que o autor a reinventa e tem que reinventá-la e é isto que faz com que a literatura não se esgote.

Esta idéia da inescotabilidade da palavra literária é completada na quarta e quinta estrofes, quando o poeta se utiliza de provérbios da antiguidade grega (“como a água do rio que é água sempre nova” e “Como cada dia que é sempre um novo dia”), revelando, através da analogia, a capacidade da palavra se renovar pela poesia.

O poeta fecha o texto fazendo um convite ao leitor (“Vamos brincar de poesia?”), travando um diálogo final que demonstra a cumplicidade autor/texto/ leitor, num triângulo equilátero que se torna circular e cíclico, se analisarmos pelos estudos de Valéry (apud Paz, 1971) ao comparar o texto a figuras geométricas, pela palavra que sempre se renova ao ser escrita e ao ser lida.

Confirmando esta renovação da palavra lida e escrita, Paes, em outra poesia, evoca imagens de leitura através dos léxicos da poesia “Atenção detetive” que transcreveremos abaixo:

*ATENÇÃO, DETETIVE*

Se você for detetive,  
descubra por mim:  
que ladrão roubou o cofre  
do banco do jardim  
e que padre disse amém  
para o amendoim.

Se você for detetive,  
faça um bom trabalho:  
me encontre o dentista

que arrancou o dente do alho  
e a vassoura sabida  
que deixou a louca varrida.

Se você for detetive  
um último lembrete:  
onde foi que esconderam  
as mangas do colete  
e quem matou os piolhos  
da cabeça do alfinete?

Tecendo algumas considerações sobre expressões lexicais como “banco do jardim”, “dente de alho”, “louca varrida”, “mangas do colete”, “cabeça do alfinete”, recorreremos aos estudos da semântica da linguagem que cria um jogo, uma brincadeira com as palavras.

Se no outro poema o autor sugere que é possível brincar com palavras, neste ele põe em prática esta brincadeira, convidando o leitor a interagir com o texto ao nomeá-lo como detetive da linguagem.

E por que detetive da linguagem?

Pelos estudos de George Campbell, há diferença de conceituação dos termos (metáfora e catacrese) entre os gramáticos, o retórico e o teórico-literário. Segundo ele (Wellek & Warren, 1955, p.242) “o gramático toma a catacrese pela etimologia, o retórico como algo que causa efeito no ouvinte e o teórico-literário, como metáfora gasta, morta ou desbotada”.

Então, durante o percurso de leitura das estrofes do poema, o leitor, pressuposto detetive da linguagem, vai desvendando os mistérios da palavra escrita.

Estes mistérios vão se desvelando, quando a palavra ou a expressão tem uma acepção e o escritor a coloca em outra, brincando com a palavra ao pô-la num contexto que não é dela, como todas as expressões citadas anteriormente.

Além deste jogo semântico, podemos notar o jogo de sons criados poeticamente, os quais produzem um efeito de riso por se constituírem também como as brincadeiras que as crianças fazem ao descobrirem as inúmeras possibilidades de criação com as palavras.

Além destes jogos semânticos e fonéticos, para intensificar o sentido de transporte que a metáfora evoca em um texto poético, temos os verbos no tempo pretérito perfeito do indicativo, os quais, ao mesmo tempo em que passam a sensação de perda, dor, vazio (arrancou, deixou, foi, matou), confirmam o distanciamento da palavra do seu sentido original, que deverá ser resgatada pelo detetive-leitor. Ser detetive da e na leitura é recuperar o sentido metafórico das palavras e constatar suas possíveis subversões textuais, co-textuais e contextuais.

No entanto, o trabalho com a linguagem que vai traçando e tecendo sentidos se revela tanto pelo paralelismo estrutural quanto pelo fônico. O primeiro com a repetição do verso “Se você for detetive” e, o segundo, com rimas finais dos vocábulo de cada verso.

De acordo com alguns estudos, o paralelismo (estrutural e fônico) permite uma memorização e um entendimento mais profundo sobre o texto lido pelo fato de ser reiterável, no plano de idéias e de palavras, pelos tempos e modos verbais, pela repetição do sinal gráfico no final de cada estrofe e pela disposição do poema no papel, o que, de acordo com Valéry, ao comparar os variados tipos textuais com figuras geométricas, faz da poesia um texto circular.

Se em “Convite” temos sugerida a possibilidade de se brincar com palavras escrevendo texto poético, em “Atenção, detetive” tem-se a possibilidade de ler esta brincadeira e interagir com o poeta através do texto. Com isso, o autor estabelece com o leitor um diálogo, criando um efeito de cumplicidade ao valorizar sua (do leitor) capacidade intelectual e emocional.

E por fim, confirmando esta cumplicidade intelecto-emotiva e a interação entre autor/texto/leitor, escritura-leitura, temos também a poesia protesto de Paes. Uma delas é “Paraíso” e a transcreveremos abaixo:

*PARAÍSO*

Se esta rua fosse minha,  
eu mandava ladrilhar,  
não para automóvel matar gente  
mas para criança brincar.

Se esta mata fosse minha,  
eu não deixava derrubar.  
Se cortarem todas as árvores  
onde os pássaros vão morar?

Se este rio fosse meu  
eu não deixava poluir.  
Joguem esgotos noutra parte,  
que os peixes moram aqui.

Se este mundo fosse meu,  
eu fazia tantas mudanças  
que ele seria um paraíso  
de bichos, plantas e crianças.

Partindo de uma re-criação de uma cantiga folclórica, “Se essa rua fosse minha”, Paes polemiza a modernidade ao denunciar e ao criticar “realisticamente” os percalços do progresso tanto para o ser humano quanto para a natureza (meio).

Neste poema coloca-se em pauta a atitude humana diante da natureza em função do progresso e, ao mesmo tempo, pergunta-se, num tom quase que de lamento percebido no texto todo, se o progresso precisa, necessariamente, levar à destruição de tudo.

Atentando para a primeira estrofe, podemos perceber que há uma espécie de saudosismo com relação ao espaço “rua”, espaço este que, antigamente, era o lugar do brincar e do caminhar tranqüilamente e hoje, dos veículos auto-motores que podem levar à destruição do meio e do próprio homem. Esta afirmação é confirmada no terceiro e quarto versos (“não para automóvel matar gente mas para criança brincar”).

Estendendo a idéia de preservação e apelo ao cuidado com o que se chama de progresso, na segunda estrofe, há um questionamento sobre o corte de árvores. Ao cortá-las desmedidamente, estamos tirando também condições de vida melhor para o ser humano e tirando a vida de animais, e embora as árvores sirvam para construir e aparentemente para dar espaço ao homem, a ambição desenfreada deste pode levar à destruição de todos.

Reiterando esta preocupação com o homem de amanhã (a criança de hoje) e com o meio das estrofes anteriores, na terceira estrofe há uma aparente preocupação com os peixes. Aparente porque se pensarmos não no homem urbano especificamente, mas naquele que depende dos rios para a própria sobrevivência, a poluição provocará um desequilíbrio tanto da vida humana como do próprio ecossistema.

E, finalmente, na quarta estrofe, o poeta declara seus sonhos e sua esperança, pois é o poeta quem tem sensibilidade para detectar este problema e propor, através de seus textos, um nova saída. É também o poeta aquele que, em sua criação poética, deixa entrever a possibilidade de um mundo melhor e não o cidadão político, pois aquele, ao trabalhar com o texto, deixa implícita ou “explicitamente” marcas que permitem ao leitor desvendar através das sutilezas da linguagem (tempos e modos verbais – subjuntivo, possibilidade hipotética que traduz o sonhar, o desejar- e o infinitivo, como possibilidade de inúmeros desdobramentos de ações-, substantivos nucleares -“rua”, “mata”, “rio” e “mundo”, que pertencem a todos e a ninguém - e a presença e a ausência de artigos definidos e indefinidos), a denúncia é poeticamente desvelada.

“Paraíso”, ao mesmo tempo em que é um texto que faz denúncia dos abusos cometidos contra a natureza, sugere ao leitor a importância de se colocar no lugar do outro (pessoa/objeto/natureza) e mostra-lhe que, mesmo diante dos fatos desfavoráveis em prol do progresso, é possível sonhar.



Paes, criando e re-criando poesias a partir de artes também populares e de situações atuais do cotidiano, muitas vezes num tom zombeteiro e outras vezes num tom mais paródico, resgata nossas origens e nossas raízes poéticas, propiciando ao leitor-detetive-mirim um despertar de consciência, lingüística e social, constantemente associada ao prazer estético.

Portanto cabe à escola dar acesso à criança a textos poéticos e com eles (textos) explorar e preservar a capacidade de leitura de poesias de sua clientela. No entanto, o professor deverá ser um leitor assíduo também de poesia, de tal maneira que a produção poética lhe pareça familiar, pois que o aluno tem na escola uma das únicas, senão a única, oportunidade de conviver com o literário, expressão de importância maior para o processo de humanização do homem, conforme se pode ler em Antonio Cândido em *Direitos Humanos e Literatura* (1989).

Ler um texto em classe, interpretá-lo e permitir ao aluno experimentar o ato de criação, é tarefa que o professor pode impor-se e ter a certeza de resultados positivos entre seu alunado. O trabalho com a palavra, refletir sobre ela e seus significados, perceber os efeitos que ela pode produzir é uma experiência enriquecedora à qual o professor não poderia furtar-se.

A escola que, até onde a prática nos mostra, precisa despertar para a necessidade do resgate do texto poético e para a importância da poesia na infância, tendo em vista que o infante é sensível à poesia e desta sensibilidade constantemente explorada é que pode se dizer que se formará o gosto literário.

Faz-se necessário também que a sociedade como um todo busque aliviar, para não dizer eliminar, a massificação cultural em que nos encontramos, pois atrás de um livro há um leitor solitário e, ao mesmo tempo, um leitor acompanhado de muitos seres que povoam a imaginação, os desejos, e, acima de tudo, as emoções que só esperam ser despertadas com um bom livro e uma boa orientação. Só assim teremos verdadeiros leitores, e certamente o caminho do que se chama cidadania será e permanecerá aberto.

COITO, R. de F. José Paulo Paes: the poet of sensitivity. **Itinerários**, Araraquara, n. 17, p. 211-220, 2001.

- **ABSTRACT:** *In this text the problem of the actual teaching of literature at school and its effective interaction with the students will be discussed. The interaction with the verbal aesthetics assumes that the reader must be able to understand gradually the profound layers of the text, which may not always happen at school, partly because of the teacher's lack of preparation to read and teach poetry or because of the little or bad divulgence of quality children's poetry.*
- **KEYWORDS:** *Teaching; children's poetry; sensibility.*

## **Referências Bibliográficas**

BORDINI, M. da G. **Poesia Infantil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

CANDIDO, A. Direitos Humanos e Literatura. In: RIBEIRO FESTER, A. C. (Org.). **Direitos humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

COHEN, J. **Estrutura da linguagem poética**. São Paulo: Cultrix, 1974.

JAKOBSON, R. **Linguística, poética e cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

GIRON, L. A. Poesia só serve à “imensa” minoria, diz Paz. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 nov. 1993. Ilustrada, p.4-5.

PAES, J. P. **Poemas para brincar**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

PAZ, O. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

PONDÉ, G. M. F. Poesia e folclore para criança. In: \_\_\_\_\_. **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

WELLEK, R.; WARREN, A. **Teoria da literatura**. 4. ed. Lisboa: Europa América, 1955.

